

O isolamento não foi um acidente

Do isolamento
como sintoma
ao coletivo como
infraestrutura

Por

Amina Bawa,

jornalista, produtora cultural, professora e mestre em Cultura e Comunicação pela Universidade de Lisboa, com experiência em comunicação sindical, produção museológica e gestão de espaços culturais no Brasil e na Europa.

Isolation was not an accident

From isolation
as symptom
to the collective
as infrastructure

By

Amina Bawa,

Journalist, cultural producer, lecturer, and MA in Culture and Communication from the University of Lisbon, with experience in trade union communication, museum production, and the management of cultural spaces in Brazil and Europe.

O isolamento não foi um acidente

No centro histórico de Lisboa, um prédio de cinco andares sem elevador pode abrigar meia dúzia de nacionalidades distintas. O som que ecoa nos corredores estreitos não é o do encontro: é o do silêncio. Cada porta fechada a chave dupla funciona como um ecossistema autossuficiente. A velocidade do wi-fi substituiu o vizinho que pedia uma xicara de açúcar emprestada ou ajudava a subir as compras. O mesmo cenário repete-se de Amesterdão a Ohio. É o sintoma visível de uma erosão que corrói, lentamente, as bases da convivência coletiva.

Um estudo da Universidade de Michigan, *Changes in Dispositional Empathy* ("Mudanças na Empatia Disposicional"), revelou que a capacidade humana de sentir a dor do outro diminuiu cerca de 40% entre 1979 e 2009. A pesquisadora Sara Konrath, do Institute for Social Research, reuniu 72 estudos com quase 14 mil universitários americanos e concluiu que a queda foi ainda mais acentuada a partir dos anos 2000, justamente quando a internet e as redes sociais passaram a moldar as nossas relações.

Em maio de 2023, o cirurgião geral dos Estados Unidos, Dr. Vivek Murthy, publicou o relatório "Our Epidemic of Loneliness and Isolation" (*A nossa epidemia de solidão e isolamento* - livre tradução). O documento é direto e apresenta dados que falam que a falta crônica de vínculos sociais aumenta o risco de mortalidade em níveis comparáveis ao hábito de fumar até 15 cigarros por dia. A solidão afeta a pressão arterial, degrada o sistema imunológico e está associada a maiores incidências de doenças cardiovasculares, demência e morte prematura. Ao contrário do tabaco, essas indicações não vêm com aviso de perigo. Com frequência, são vendidas como sinónimo de vitória pessoal.

Em Portugal, a ponta desse iceberg tem rosto concreto e se traduz nos mais de 400 mil idosos que vivem sozinhos no país. Muitos só são sinalizados pelas rondas anuais da Guarda Nacional Republicana nas operações Censos Sénior. O mercado de trabalho, aliado a famílias nucleares cada vez menores e sem tempo, já não tem como absorvê-los. Mas se o Norte Global agrava o seu próprio isolamento, as comunidades que a modernidade rotulou de "em vias de desenvolvimento" guardam nos mutirões, nas vielas e nos quintais de terra batida a tecnologia social que o Ocidente perdeu. A erosão do coletivo não é um destino inevitável do progresso. Tem contornos de projeto político e económico.

Isolation was not an accident

In Lisbon's historic centre, a five-storey building with no lift may house half a dozen different nationalities. The sound that echoes through its narrow corridors is not the sound of encounter: it is the sound of silence. Each door, locked with a double turn of the key, functions as a self-sufficient ecosystem. The speed of the wi-fi has replaced the neighbour who used to ask to borrow a cup of sugar or help carry the shopping upstairs. The same scene repeats itself from Amsterdam to Ohio. It is the visible symptom of an erosion that is slowly corroding the foundations of collective life.

A University of Michigan study, *Changes in Dispositional Empathy*, found that the human capacity to feel another person's pain declined by around 40% between 1979 and 2009. Researcher Sara Konrath, from the Institute for Social Research, brought together 72 studies involving nearly 14,000 American university students and concluded that the drop became even steeper from the 2000s onwards, precisely when the internet and social media began shaping our relationships.

In May 2023, the Surgeon General of the United States, Dr Vivek Murthy, published the report *Our Epidemic of Loneliness and Isolation*. The document is direct, presenting data showing that a chronic lack of social bonds increases the risk of mortality to levels comparable to smoking up to 15 cigarettes a day. Loneliness affects blood pressure, degrades the immune system, and is associated with higher incidences of cardiovascular disease, dementia, and premature death. Unlike tobacco, however, these warnings come with no danger label. They are often sold to us as a synonym for personal success.

In Portugal, the tip of this iceberg has a concrete face: more than 400,000 older people live alone in the country. Many are identified only through the annual rounds carried out by the Guarda Nacional Republicana under the *Censos Sénior* operations. The labour market, combined with increasingly smaller nuclear families with less time to spare, can no longer absorb them. But while the countries of the so-called Global North deepen their own isolation, the communities that modernity has labelled "developing" still preserve, in communal work efforts, alleyways, and dirt courtyards, the social technology the West has lost. The erosion of the collective is not an inevitable outcome of progress. It bears the contours of a political and economic project.

A privatização da dor

Em entrevista ao Gerador, Guilherme Marcondes, doutor e mestre em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil), aponta que a precarização das relações de trabalho e a expansão da vida digital produziram um paradoxo no qual a internet amplia a circulação de narrativas pessoais e cria a ilusão de superexposição, mas atua para deslocar problemas estruturais para o plano da falha pessoal. O sofrimento social crônico passa a ser lido como incompetência individual.

“O desemprego estrutural, a ansiedade que lota os consultórios psiquiátricos, a sobrecarga de quem trabalha em dois empregos para pagar o aluguel: deixam de ser falhas do Estado e tornam-se culpas exclusivas do cidadão que supostamente não se esforçou o suficiente. A vida digital amplia a visibilidade plástica do indivíduo, mas reforça dinâmicas competitivas que estraçalham a percepção de um pertencimento comum. A sociedade, enquanto rede de amparo, desaparece da equação”, contextualiza Guilherme Marcondes.

O professor Pedro Schacht Pereira, Doutor em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Brown University (EUA), e atualmente professor de literatura portuguesa, brasileira e africana lusófona na Ohio State University (EUA), radicado há mais de três décadas nos Estados Unidos, observa o fenómeno nas salas de aula da Ohio State University. Ele constata na Geração Z um isolamento acentuado pela pandemia, mas com raiz anterior em um modelo educacional que abandonou a formação humanística para abraçar a lógica do mercado financeiro.

“A universidade de hoje é encarada pelos alunos como um investimento financeiro de altíssimo risco, não como uma fase de descoberta intelectual. O estudante de classe média contrai centenas de milhares de dólares em dívidas estudantis. Para pagar o empréstimo de uma faculdade de medicina, o recém-formado precisa focar obsessivamente no lucro rápido. Isso elimina qualquer espaço para a clínica geral em bairros desfavorecidos ou para a advocacia comunitária. O sistema é desenhado para criar uma mentalidade de competição desde o primeiro dia de aula.”, afirma ao Gerador Pedro Schacht Pereira.

A maioria dos alunos de Pereira já não é politizada. O medo de falhar financeiramente bloqueia o engajamento cívico.



The privatisation of pain

In an interview with *Gerador*, Guilherme Marcondes, who holds a PhD and an MA in Sociology and Anthropology from the Graduate Programme in Sociology and Anthropology at the Federal University of Rio de Janeiro (Brazil), points out that the precarisation of labour relations and the expansion of digital life have produced a paradox in which the internet broadens the circulation of personal narratives and creates the illusion of overexposure, while also displacing structural problems onto the level of personal failure. Chronic social suffering comes to be read as individual incompetence.

"Structural unemployment, the anxiety filling psychiatric clinics, the overload borne by those working two jobs to pay the rent: these cease to be failures of the state and become the sole fault of the citizens who supposedly did not try hard enough. Digital life amplifies the individual's visible plasticity, but reinforces competitive dynamics that shatter the perception of common belonging. Society, as a network of support, disappears from the equation," Guilherme Marcondes explains.

Professor Pedro Schacht Pereira, who holds a PhD in Portuguese and Brazilian Studies from Brown University (USA) and is currently a professor of Portuguese, Brazilian and Lusophone African literature at Ohio State University (USA), where he has lived for over three decades, observes the phenomenon in the classrooms of Ohio State University. He identifies in Generation Z an isolation intensified by the pandemic, but rooted earlier in an educational model that abandoned humanistic formation in favour of the logic of the financial market.

"Today's university is seen by students as an extremely high-risk financial investment, not as a phase of intellectual discovery. A middle-class student takes on hundreds of thousands of dollars in student debt. To repay a medical school loan, a recent graduate must focus obsessively on quick profit. This eliminates any room for general practice in disadvantaged neighbourhoods or for community lawyering. The system is designed to create a competitive mindset from the first day of class," Pedro Schacht Pereira told *Gerador*.

Most of Pereira's students are no longer politicised. The fear of financial failure blocks civic engagement. The few who still take an active part in collective movements on American campuses are, for the most part, immigrants or the children



O coletivo nos extremos

Os poucos que ainda participam ativamente de movimentos coletivos nos campi americanos são, em grande maioria, imigrantes ou filhos de imigrantes. São jovens que trazem de casa a certeza de que ninguém sobrevive sozinho num ambiente inóspito.

No contexto português, os cafés, histórico espaço de debate e convívio intergeracional, cedem lugar ao modelo de franquias impessoais reproduzido nos bairros turistificados de Lisboa a Buenos Aires. São espaços padronizados, caros, frequentados por nômades digitais atrás das telas, onde se consome produtividade em vez de presença humana.

O isolamento pleno, apresentado como símbolo de independência, é uma armadilha imposta à classe média aspiracional que, ao tentar subir, acaba por se isolar em condomínios fechados e perde o contato com a base sem jamais ser aceito no topo. Nos dois pólos, porém, a organização coletiva continua sendo a regra, ainda que por motivos opostos.

No topo da pirâmide, o coletivo não tem relação com troca de vulnerabilidades, pois acaba por ter a função de blindar o capital. O coordenador do Núcleo de Estudos Raciais do Insper (Neri-Brasil) e doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (Brasil), Michel França descreve as elites como grupos hiper-coletivistas voltados estritamente para dentro.

"A elite está sempre a proteger-se num formato de lealdade que classifico como bizarro, dadas as contradições com o discurso liberal que pregam para o resto da sociedade. Unem-se em clubes seletos e lobbies para proteger espaços históricos de poder, blindar as heranças dos filhos e garantir que a base da sociedade continue pagando a maior parte da conta tributária. O Estado acaba atuando de forma regressiva onde o cidadão pobre paga proporcionalmente mais impostos para subsidiar a segurança e a infraestrutura das regiões centrais." avalia o especialista em desigualdade racial e mobilidade social Michael França, em entrevista.

Já o pesquisador Guilherme Marcondes acrescenta ainda que o tempo é o maior divisor de águas, pois só tem tempo livre quem é, efetivamente, muito rico. Marcondes cita a resistência das elites empresariais à redução da jornada de trabalho na escala 6x1 (seis dias de trabalho e um dia de descanso) no Brasil como exemplo de solidariedade de classe calculada.

The collective at the extremes

of immigrants. They are young people who bring from home the certainty that no one survives alone in a hostile environment.

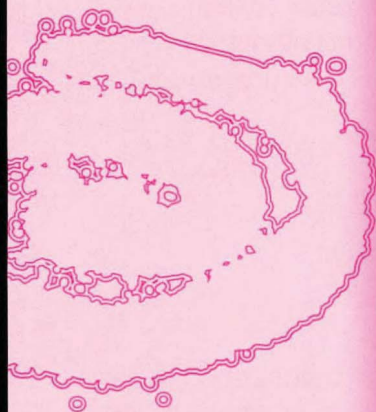
In the Portuguese context, cafés — historically spaces of debate and intergenerational conviviality — are giving way to the franchise model reproduced in touristified neighbourhoods from Lisbon to Buenos Aires. These are standardised, expensive spaces, frequented by digital nomads behind screens, where productivity is consumed instead of human presence.

Total isolation, presented as a symbol of independence, is a trap imposed on the aspirational middle class, which, in trying to climb, ends up isolating itself in gated communities and losing contact with the base without ever being accepted at the top. At both ends of the spectrum, however, collective organisation remains the rule, albeit for opposite reasons.

At the top of the pyramid, the collective has nothing to do with the exchange of vulnerabilities; its function is to shield capital. Michel França, coordinator of the Centre for Racial Studies at Insper (Neri-Brazil) and PhD in Economics from the University of São Paulo (Brazil), describes elites as hyper-collectivist groups turned strictly inwards.

"The elite is always protecting itself through a form of loyalty I would classify as bizarre, given how deeply it contradicts the liberal discourse it preaches to the rest of society. They come together in exclusive clubs and lobbies to protect historic spaces of power, shield their children's inheritances, and ensure that the base of society continues paying most of the tax bill. The state ends up acting regressively, with poor citizens paying proportionally more tax to subsidise the security and infrastructure of central areas," says Michael França, a specialist in racial inequality and social mobility, in an interview.

Researcher Guilherme Marcondes adds that time is the great dividing line, because only those who are truly very rich have free time. Marcondes cites the resistance of business elites to reducing the 6x1 working week in Brazil — six days of work and one day of rest — as an example of calculated class solidarity. While workers framed the debate as a matter of public health, employers united to attack the proposal,



Enquanto os trabalhadores enquadram o debate como saúde pública, os empresários uniram-se para atacar a proposta, tratando a possível redução de lucros como colapso da economia.

No extremo oposto, nas periferias do Sul Global e nas diásporas negras e imigrantes em Portugal, o coletivo não é *lobby* e acaba por ser a única infraestrutura que separa a vida da morte. Onde não há Estado para prover saneamento básico ou escola em tempo integral, a vizinhança assume a função das instituições.

“No Brasil, sobretudo nas periferias urbanas, a sociabilidade não é apenas um traço cultural. Ela é também uma infraestrutura informal de sobrevivência. Redes de vizinhança, parentesco ampliado e solidariedade religiosa funcionam como mecanismos cotidianos de cuidado: a vizinha aposentada que vigia a criança para a mãe solo poder trabalhar, o mutirão de fim de semana que ‘bate a laje’ de quem precisa de um teto antes das chuvas chegarem. É um dispositivo prático de manutenção da vida, não um traço exótico de cenário romantizado.” categoriza Cristina Roldão, em entrevista ao Gerador.

Para Cristina Roldão, socióloga e investigadora do Instituto Universitário de Lisboa (Portugal), especializada em racismo e exclusão escolar de afrodescendentes, reforça que, em contextos europeus como o de Lisboa, as redes de matriz africana resistem como quilombos contemporâneos. Para essas populações, o “nós” é o antídoto contra a epidemia de solidão e contra o racismo estrutural. Onde o Estado burocratiza ou agride, o coletivo imigrante abraça, acolhe, alimenta e cura.

Michael França alerta para a perversidade da ascensão social individual no qual ao “vencer na vida”, o trabalhador do Sul global muitas vezes importa a solidão do Norte junto com o apartamento novo e, no afã de provar que “chegou lá”, afasta-se das redes de apoio que o formaram. O sucesso no modelo atual cobra, como portagem, o isolamento dos pares.

O mito da independência

Há um pressuposto não dito na organização da vida moderna que raramente é questionado: a ideia de que o adulto saudável e bem-sucedido é aquele que não precisa de ninguém. A independência como virtude absoluta, a necessidade de cuidado como fraqueza ou fracasso.

treating any possible reduction in profit as though it were an economic collapse.

At the opposite extreme, in the outskirts of the Global South and within Black and immigrant diasporas in Portugal, the collective is not a lobby: it is the only infrastructure separating life from death. Where there is no state to provide basic sanitation or full-time schooling, the neighbourhood takes on the role of institutions.

"In Brazil, especially in the urban peripheries, sociability is not merely a cultural trait. It is also an informal infrastructure of survival. Neighbourhood networks, extended kinship, and religious solidarity function as everyday mechanisms of care: the retired neighbour who watches the child so the single mother can work, the weekend communal effort that pours someone's roof slab before the rains arrive. It is a practical mechanism for sustaining life, not some exotic feature of a romanticised setting," says Cristina Roldão in an interview with *Gerador*.

For Cristina Roldão, a sociologist and researcher at the University Institute of Lisbon (Portugal), specialising in racism and the school exclusion of Afro-descendants, African-rooted networks in European contexts such as Lisbon endure like contemporary quilombos. For these populations, the "we" is the antidote both to the epidemic of loneliness and to structural racism. Where the state bureaucratises or harms, the immigrant collective embraces, shelters, feeds, and heals.

Michael França warns of the perversity of individual upward mobility, in which the worker from the Global South, in "making it in life", often imports Northern loneliness along with a new flat and, in the urge to prove they have "made it", distances themselves from the support networks that shaped them. In the current model, success exacts isolation from one's peers as its toll.

The myth of independence

There is an unspoken assumption in the organisation of modern life that is rarely questioned: the idea that a healthy, successful adult is someone who does not need anyone. Independence as an absolute virtue; the need for care as weakness or failure.



A antropóloga Anahí Guedes de Mello trabalha exatamente na desconstrução desse pressuposto. Especialista em acessibilidade e deficiência, ela aponta o capacitismo intrínseco da sociedade moderna como um sistema construído sobre a ficção de que existe um sujeito normativo, capaz, produtivo, que age no mundo sem depender de nenhuma estrutura de suporte. Essa ficção não descreve nenhum ser humano real. Descreve um ideal que serve, sobretudo, para responsabilizar individualmente quem não consegue atingi-lo.

A interdependência, para Mello, não é uma condição específica de pessoas com deficiência, de idosos ou de crianças e sim, a condição humana universal. Todos nós dependemos de redes de cuidado, de infraestrutura coletiva e de outros corpos para existir. A diferença é que para alguns essa dependência é visível, nomeada e tratada como problema; para outros, é invisível porque está suturada nas estruturas sociais que os sustentam sem que precisem reconhecê-la. O executivo que trabalha 14 horas por dia "de forma independente" assenta o seu dia sobre uma mulher que organiza a sua vida doméstica, sobre um Estado que construiu a estrada e o hospital, sobre gerações anteriores que criaram o conhecimento que ele aplica. Nenhum desses apoios aparece no currículo.

Quando as redes comunitárias de cuidado são corroídas, esse trabalho invisível não desaparece, apenas é empurrado para as famílias, em especial para as mulheres, como responsabilidade privada. O cuidado do idoso, da criança, da pessoa em adoecimento torna-se um problema individual a ser resolvido no mercado, se houver dinheiro, ou na sobrecarga silenciosa de quem está mais perto, se não houver.

A consequência mais silenciosa desse sistema é o que a pesquisadora nomeia como "cuidado como luxo". Em Portugal, o envelhecimento acelerado da população torna a questão urgente, e os mais de 400 mil idosos que vivem sozinhos não são apenas uma estatística de solidão. São o resultado concreto de um modelo que terceirizou o cuidado para o Estado; o Estado o devolveu ao mercado; e o mercado o colocou fora do alcance de quem mais precisa.

A proposta de Mello não é romântica, uma vez que ela não defende o retorno a uma família alargada idealizada e nem ignora as tensões reais dentro das redes de cuidado, nas quais as mulheres carregam desproporcionalmente o peso. O que ela propõe é que a interdependência seja reconhecida como princípio político. Que as políticas públicas, os espaços

Anthropologist Anahí Guedes de Mello works precisely to deconstruct this assumption. A specialist in accessibility and disability, she points to the ableism intrinsic to modern society as a system built upon the fiction that there exists a normative, capable, productive subject, someone who acts in the world without depending on any support structure. This fiction does not describe any real human being. It describes an ideal whose main function is to place individual blame on those who cannot attain it.

For Mello, interdependence is not a specific condition of disabled people, older people or children; it is the universal human condition. All of us depend on networks of care, collective infrastructure, and other bodies in order to exist. The difference is that, for some, this dependence is visible, named, and treated as a problem; for others, it is invisible because it is stitched into the social structures that sustain them without their having to recognise it. The executive who works 14 hours a day “independently” builds that day upon a woman who organises his domestic life, upon a state that built the road and the hospital, upon previous generations that created the knowledge he applies. None of that support appears on his CV.

When community networks of care are eroded, that invisible labour does not disappear; it is merely pushed back onto families, especially women, as a private responsibility. The care of the elderly, the child, the ill person becomes an individual problem to be solved through the market, if there is money, or through the silent overburdening of whoever is closest, if there is not.

The quietest consequence of this system is what the researcher calls “care as a luxury”. In Portugal, the accelerated ageing of the population makes the issue urgent, and the more than 400,000 older people living alone are not simply a statistic of loneliness. They are the concrete result of a model that outsourced care to the state; the state handed it back to the market; and the market placed it beyond the reach of those who need it most.

Mello’s proposal is not romantic, since she does not advocate a return to an idealised extended family, nor does she ignore the real tensions within care networks, where women carry a disproportionate burden. What she proposes is that interdependence be recognised as a political principle. That public policies, urban spaces, and labour relations be designed on the premise that all human beings experience moments of greater or lesser autonomy





urbanos e as relações de trabalho sejam desenhados a partir da premissa de que todos os seres humanos têm momentos de maior ou menor autonomia ao longo da vida, e que nenhum desses momentos deve ser enfrentado em isolamento forçado.

O jornalista e sociólogo Muniz Sodré nomeia o fenómeno a partir de outro ângulo. Em seu trabalho sobre comunicação, cultura e identidade, Sodré analisa a ascensão do que chama de “monoteísmo do eu” através da construção de um sujeito ocidental moderno que se constitui como referência absoluta de valor, que organiza o mundo a partir de sua própria experiência como único método possível.

O problema não é o indivíduo em si, é a ideologia que o isola de toda ancoragem coletiva e o apresenta como unidade autossuficiente de produção e consumo. Sodré aponta que essa construção não é universal e nem natural. Ela tem raízes específicas no pensamento liberal ocidental e contrasta diretamente com as epistemologias africanas e afrodiáspóricas, nas quais o sujeito se constitui sempre em relação, nunca em isolamento. A filosofia ubuntu, de origem bantu, sintetiza esse princípio na expressão “sou porque somos”, na qual a existência individual é inteligível apenas dentro da teia de relações que a sustenta.

Quando o monoteísmo do eu coloniza não apenas o Norte Global, mas também as aspirações das classes médias do Sul, produz um duplo apagamento. Apaga as epistemologias coletivistas como formas legítimas de organizar a vida, apaga a memória das próprias redes que permitiram ao indivíduo chegar onde chegou. O trabalhador periférico que ascendeu e olha para o bairro onde cresceu com distância, como se a coletividade que o formou fosse um estágio superado, que ainda se apoia nesse chão sem o reconhecer.

Guilherme Marcondes sintetiza a dimensão política desse apagamento: “Sociedades profundamente individualizadas tendem a invisibilizar formas de dependência que são constitutivas da experiência humana. Ao transformar a dependência em fardo individual, o sistema neoliberal desonera o Estado e o capital de prover o cuidado básico e empurra as famílias, especialmente as mulheres, para um esgotamento solitário.”

Luxo ou resistência

A mesma pergunta foi lançada a uma rede de diversos profissionais, investigadores e ativistas que vivem

throughout life, and that none of those moments should have to be faced in forced isolation.

Journalist and sociologist Muniz Sodré names the phenomenon from another angle. In his work on communication, culture, and identity, Sodré analyses the rise of what he calls the "monotheism of the self" through the construction of a modern Western subject who constitutes himself as the absolute reference of value, organising the world from his own experience as though it were the only possible method.

The problem is not the individual in itself, but the ideology that isolates the individual from all collective anchoring and presents them as a self-sufficient unit of production and consumption. Sodré points out that this construction is neither universal nor natural. It has specific roots in Western liberal thought and stands in direct contrast to African and Afro-diasporic epistemologies, in which the subject is always constituted in relation, never in isolation. The philosophy of ubuntu, of Bantu origin, synthesises this principle in the expression "I am because we are", in which individual existence becomes intelligible only within the web of relationships that sustains it.

When the monotheism of the self colonises not only the Global North but also the aspirations of Southern middle classes, it produces a double erasure. It erases collectivist epistemologies as legitimate ways of organising life, and it erases the memory of the very networks that enabled the individual to get where they are. The peripheral worker who rises and looks back at the neighbourhood where they grew up with distance, as though the collectivity that formed them were a stage they had outgrown, still depends on that ground without recognising it.

Guilherme Marcondes summarises the political dimension of this erasure: "Profoundly individualised societies tend to render invisible forms of dependence that are constitutive of human experience. By turning dependence into an individual burden, the neoliberal system relieves the state and capital of the responsibility to provide basic care and pushes families, especially women, into solitary exhaustion."

Luxury or resistance

The same question was put to a network of professionals, researchers and activists who live and work across



e trabalham na ponte transatlântica entre o Brasil e a Europa: "O coletivo, hoje, é uma forma de resistência política ou um luxo para quem tem tempo?"

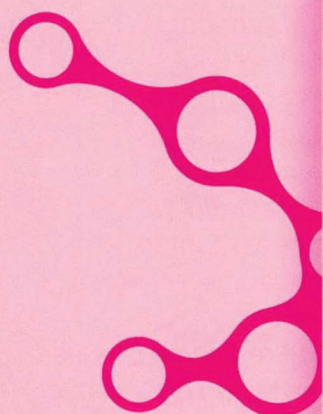
Para a pesquisadora Luccia Carvalho, especialista em cultura e consumo, a pergunta está mal formulada desde a raiz: o luxo não é o coletivo, é o individualismo pleno. "O coletivo sempre funcionou para nós como uma tecnologia de sobrevivência. A inteligência coletiva emerge porque as estruturas institucionais são insuficientes. O luxo seria um individualismo pleno, onde se pressupõe estabilidade material e proteção social que raramente estiveram disponíveis de forma ampla para nós", afirma.

Para a fundadora do projeto Do Silêncio ao Silício, Danielle Marques, a coletividade é a base da identidade negra antes de ser uma opção política. "Eu fui formada pelo coletivo: cresci vendo minhas tias se organizarem juntas para criar seus filhos, dividir responsabilidades e garantir que os sonhos continuassem existindo mesmo quando as condições eram difíceis. Para pessoas negras, sobreviver já é um projeto inteiramente coletivo", diz.

A comunicadora Mohara Valle recupera os movimentos de mulheres negras brasileiras das décadas de 1980 e 1990: aquelas mulheres combinavam jornadas exaustivas como domésticas e operárias, eram os únicos arrimos de famílias numerosas e, ainda assim, construíram movimentos de base consistentes, sem internet, marcando encontros por telefones públicos nas esquinas. "A ação coletiva nunca, na história das minorias, exigiu o luxo do relógio. Ela sempre se alimentou da urgência desesperada de não morrer."

Para a designer de experiências Tai Barroso, estar ativamente em coletividade num momento de crise de solidão é um ato de radicalidade política. Para grupos minorizados, o coletivo organizado não é passatempo, pois é a única opção real de suporte à integridade física, mental e espiritual face a uma sociedade que tenta apagá-los. Barroso nomeia isso de "colaboração radical" em que a disposição de compartilhar recursos, tempo e vulnerabilidade é usada como estratégia de sobrevivência coletiva.

A estrategista de inovação social Lina Lopes aponta uma tensão real para quem vive pulando entre subempregos informais, fazendo entregas sob chuva para pagar aluguel, o coletivo é uma necessidade que veste a máscara de um luxo inatingível. O cansaço físico impossibilita a organização política clássica. A saída não está em ressuscitar assembleias



the transatlantic bridge between Brazil and Europe: "Is the collective, today, a form of political resistance or a luxury for those who have time?"

For researcher Luccia Carvalho, a specialist in culture and consumption, the question is flawed at its root: the luxury is not the collective, but full-blown individualism. "For us, the collective has always functioned as a technology of survival. Collective intelligence emerges because institutional structures are insufficient. The real luxury would be full individualism, which presupposes material stability and social protection that have rarely been broadly available to us," she says.

For Danielle Marques, founder of the project *Do Silêncio ao Silício* (*From Silence to Silicon*), collectivity is the basis of Black identity before it is ever a political option. "I was shaped by the collective: I grew up watching my aunts organise themselves together to raise their children, share responsibilities and ensure that dreams remained possible even when conditions were difficult. For Black people, survival itself is, at its root, an entirely collective project," she says.

Communicator Mohara Valle recalls the movements of Brazilian Black women in the 1980s and 1990s: those women combined exhausting working lives as domestic workers and factory workers, were often the sole providers for large families, and still built strong grassroots movements without the internet, arranging meetings through public telephones on street corners. "Collective action has never, in the history of minorities, required the luxury of free time. It has always fed on the desperate urgency of not dying."

For experience designer Tai Barroso, being actively in collectivity at a time of a loneliness crisis is an act of political radicalism. For minoritised groups, an organised collective is not a pastime, since it is the only real form of support for physical, mental and spiritual integrity in the face of a society that tries to erase them. Barroso calls this "radical collaboration", in which the willingness to share resources, time and vulnerability is used as a strategy for collective survival.

Social innovation strategist Lina Lopes points to a real tension: for those jumping between informal underpaid jobs, delivering under the rain to pay the rent, the collective is a necessity wearing the mask of an unattainable luxury. Physical exhaustion makes classical political organising





sindicais que exigem horas livres que o trabalhador precarizado não tem, mas nas redes informais de microcuidado. O grupo de mensagens que divide doações de fraldas, a horta comunitária improvisada, o círculo de mães que faz rodízio para vigiar os filhos. "A erosão do coletivo não é um acidente histórico", resume Lopes. "É um projeto desenhado para manter as massas isoladas e vulneráveis à exploração."

A Investigadora do IPRI-NOVA (Portugal) e Presidente da Casa do Brasil de Lisboa, Ana Paula Costa, vai ao fundo da questão: o sistema precisa que as massas permaneçam divididas e fechadas nas telas. "Os detentores do poder econômico sabem que a maior ameaça real à sua existência é a nossa capacidade coletiva de imaginar que um mundo igualitário é possível", afirma. O isolamento não é efeito colateral do capitalismo tardio: é uma das suas ferramentas mais eficazes. Uma população que não se conhece, que não confia nos vizinhos, que resolve sozinha os problemas que deveriam ser coletivos, é uma população que não organiza sindicatos, não ocupa praças, não exige o que lhe é devido.

A Língua como espelho

O isolamento ou a coletividade não estão impressos apenas no comportamento urbano ou na arquitetura dos condomínios. Estão codificados na gramática cotidiana.

A artista visual e analista sociopolítica Rachel Jesuton Amosu, britânica de raízes africanas radicada no Brasil há anos, descreve o seu próprio choque linguístico com o português. Na cultura profissional anglo-saxônica, o inglês está constantemente centrado no sujeito individual: "I think", "I failed", "I did". As emoções são estados de posse exclusiva de um indivíduo. Quando ocorre uma falha no sistema de trabalho no Reino Unido, o instinto busca rastrear qual elemento individual quebrou a engrenagem para punir o responsável.

Ao chegar ao Brasil, Rachel percebeu que o português dilui a culpa individual no formato impessoal das suas frases cotidianas. "Deu um problema", "bateu uma raiva", "apareceu uma ideia". Nestas fases, as emoções e os imprevistos acontecem à vida e ao grupo, não apenas ao sujeito isolado. "O português brasileiro oferece um leque maior de maneiras de descrever as experiências. O sujeito às vezes desaparece completamente da frase. É como se a língua já soubesse o que a cultura pratica", analisa Rachel.

impossible. The answer does not lie in reviving union assemblies that require free hours the precarious worker does not have, but in informal networks of micro-care. The messaging group that shares nappy donations, the improvised community garden, the mothers' circle that rotates childcare. "The erosion of the collective is not a historical accident," Lopes sums up. "It is a project designed to keep the masses isolated and vulnerable to exploitation."

Ana Paula Costa, researcher at IPRI-NOVA (Portugal) and President of Casa do Brasil de Lisboa, goes to the heart of the matter: the system needs the masses to remain divided and sealed inside screens. "Those who hold economic power know that the greatest real threat to their existence is our collective capacity to imagine that an egalitarian world is possible," she says. Isolation is not a side effect of late capitalism: it is one of its most effective tools. A population that does not know itself, does not trust its neighbours, and solves alone the problems that should be collective is a population that does not organise unions, does not occupy public squares, and does not demand what is due to it.

Language as mirror

Isolation or collectivity are not inscribed only in urban behaviour or the architecture of gated communities. They are coded into everyday grammar.

Visual artist and sociopolitical analyst Rachel Jesuton Amosu, British, with African roots and long based in Brazil, describes her own linguistic shock on encountering Portuguese. In Anglo-Saxon professional culture, English is constantly centred on the individual subject: "I think", "I failed", "I did". Emotions are states of exclusive possession belonging to an individual. When something breaks down in the work system in the United Kingdom, the instinct is to trace which individual part broke the mechanism in order to punish the person responsible.

When she arrived in Brazil, Rachel noticed that Portuguese diffuses individual blame through the impersonal form of everyday phrases. "There was a problem", "a wave of anger rose up", "an idea came up". In these constructions, emotions and setbacks happen to life and to the group, not only to the isolated subject. "Brazilian Portuguese offers a broader range of ways to describe experience. Sometimes the subject disappears from the sentence entirely. It is as though the language already knows what the culture practises," Rachel observes.



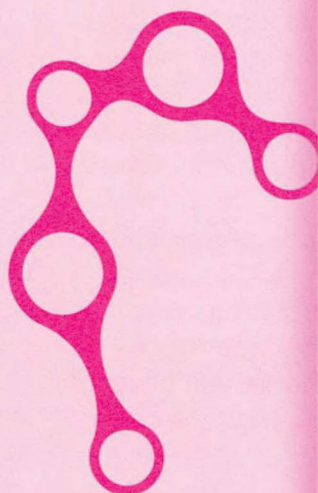
O que resiste

Expressões como “estamos juntos”, “é nós” e “seguimos juntos” não são frases de consolação vazia, acabam sinalizando uma disposição psicológica coletiva para absorver a volatilidade do mundo e continuar avançando em bloco. A língua que nos faz dizer ‘estamos juntos’ é subversiva porque é verdadeira.

Em Lisboa, a Cova da Moura concentra uma das maiores comunidades cabo-verdianas em Portugal. A Associação Cultural Moinho da Juventude, fundada em 1989, vai muito além da cultura: coordena desde a gestão do espaço público até serviços de apoio escolar, creche e formação profissional. É também a responsável pela organização do Kola San Jon, festa de origem cabo-verdiana que celebra São João Baptista ao som de batuque e percussão, misturando música, dança e memória coletiva. Trazida pelas comunidades de Cabo Verde, sobretudo das Ilhas de Santo Antão, São Vicente e São Nicolau, a celebração atravessa gerações no bairro e, em 2013, foi inscrita no Inventário Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial de Portugal — reconhecimento oficial de uma tradição que, nas ruas da Cova da Moura, nunca precisou de validação para existir. O Moinho da Juventude faz tudo isso com uma fração dos recursos que o Estado destina a equipamentos equivalentes em outros bairros de Lisboa. Não como exceção curiosa, acaba por ser uma resposta prática à ausência do Estado num território que o poder público trata como provisório há décadas.

No Brasil, a Irmandade da Boa Morte, fundada no século XIX em Cachoeira, na Bahia, por mulheres negras alforriadas, continua ativa. Foi criada originalmente para comprar a liberdade de pessoas escravizadas através de fundos coletivos. Hoje mantém práticas religiosas, culturais e de solidariedade econômica entre as suas integrantes. É um dos exemplos mais antigos e contínuos de associativismo afro-brasileiro documentado. A turismóloga e pesquisadora Leticia Santana é direta sobre o que esse exemplo ensina: “O ensinamento que podemos extrair do Sul reside na prática da troca de afeto, cuidado recíproco e apoio econômico de porta a porta. Isso existe. Sempre existiu.”

Mas a existência dessas redes não é garantia de sobrevivência. A gentrificação que avança sobre a Cova da Moura, o encarecimento do imobiliário que empurra comunidades para periferias mais distantes, as políticas de habitação que fragmentam bairros consolidados,





what resists

Expressions such as “we’re together”, “it’s us”, and “we move forward together” are not empty consolations; they signal a collective psychological willingness to absorb the volatility of the world and keep moving forward as a bloc. The language that leads us to say ‘we’re together’ is subversive because it is true.

In Lisbon, Cova da Moura is home to one of the largest Cape Verdean communities in Portugal. The Associação Cultural Moinho da Juventude, founded in 1989, goes far beyond culture: it coordinates everything from the management of public space to school support services, childcare and vocational training. It is also responsible for organising *Kola San Jon*, a celebration of Cape Verdean origin honouring Saint John the Baptist to the sound of drumming and percussion, blending music, dance and collective memory. Brought by communities from Cape Verde, especially from the islands of Santo Antão, São Vicente and São Nicolau, the celebration has crossed generations within the neighbourhood and, in 2013, was inscribed into Portugal’s National Inventory of Intangible Cultural Heritage — official recognition of a tradition that, in the streets of Cova da Moura, never needed validation in order to exist. Moinho da Juventude does all of this with a fraction of the resources that the state allocates to equivalent facilities in other Lisbon neighbourhoods. Far from being a curious exception, it is a practical response to the absence of the state in a territory that public authorities have treated as temporary for decades.

In Brazil, the Irmandade da Boa Morte, founded in the nineteenth century in Cachoeira, Bahia, by freed Black women, remains active. It was originally created to buy the freedom of enslaved people through collective funds. Today it maintains religious, cultural and economic solidarity practices among its members. It is one of the oldest and most continuous documented examples of Afro-Brazilian associational life. Tourism scholar and researcher Letícia Santana is direct about what this example teaches us: “The lesson we can draw from the South lies in the practice of exchanging affection, reciprocal care and door-to-door economic support. It exists. It has always existed.”

But the existence of these networks is no guarantee of survival. The gentrification advancing over Cova da Moura, the rise in housing costs pushing communities out to more distant peripheries, housing policies that fragment



tudo isso atua diretamente sobre o tecido das redes de cuidado, desfazendo em poucos anos o que levou décadas a construir. A vizinha que durante trinta anos vigiou os filhos dos vizinhos deixa de ser vizinha quando é transferida para um apartamento a vinte quilômetros de distância. A festa de rua que ancorava o sentido de pertencimento desaparece quando o bairro deixa de ter quem a organize. O coletivo não colapsa de forma dramática, acaba por diluir-se lentamente, à medida que as pessoas que o sustentavam são deslocadas para lugares onde ninguém as conhece. O coletivo resiste, mas resiste sob pressão.

O Orçamento Participativo de Lisboa aprovou, em 2017, a criação do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas, proposta que emergiu diretamente da mobilização da DJASS, Associação de Afrodescendentes. Quase uma década depois, o memorial ainda não foi construído. Os obstáculos são documentados e públicos. A proposta aprovada é prova de que a organização coletiva consegue colocar na agenda pública questões que o sistema político tende a ignorar. A ausência do memorial construído é prova do que acontece depois.

O historiador e antropólogo André Castro Soares, em conversa com o Gerador, nomeia a tensão sem amenizar: "Nenhuma comunidade enfrenta ondas de calor, falhas de infraestrutura ou processos de desinformação política por conta própria. São as redes de solidariedade civil que operam na linha de frente. Mas essas redes existem apesar do sistema, não por causa dele. E o sistema sabe disso."

O sacrifício civil

A erosão do coletivo é visível a olho nu, nos corredores silenciosos dos prédios europeus, nas dívidas estudantis que bloqueiam o futuro da juventude americana, nos apartamentos onde os idosos pensionistas esqueceram o som da própria voz. O sistema econômico global tenta convencer-nos diariamente de que o verdadeiro sucesso é uma corrida solitária em direção a um pódio onde cabe apenas uma pessoa. Que a preocupação com o bem-estar do outro é um passatempo fútil para ingênuos.

"O coletivo não é um luxo de forma alguma. É um sacrifício, desde logo, porque todas as horas que as pessoas dão ao coletivo são horas retiradas da sua vida familiar e pessoal em prol da sociedade em que atuam. O verdadeiro engajamento comunitário exige dedicação voluntária e contínua de quem

consolidated neighbourhoods — all this acts directly upon the fabric of care networks, undoing in a few years what took decades to build. The neighbour who for thirty years watched over the neighbours' children ceases to be a neighbour when she is relocated to a flat twenty kilometres away. The street festival that anchored a sense of belonging disappears when the neighbourhood no longer has the people to organise it. The collective does not collapse dramatically; it slowly dissolves, as the people who sustained it are displaced to places where no one knows them. The collective resists, but it resists under pressure.



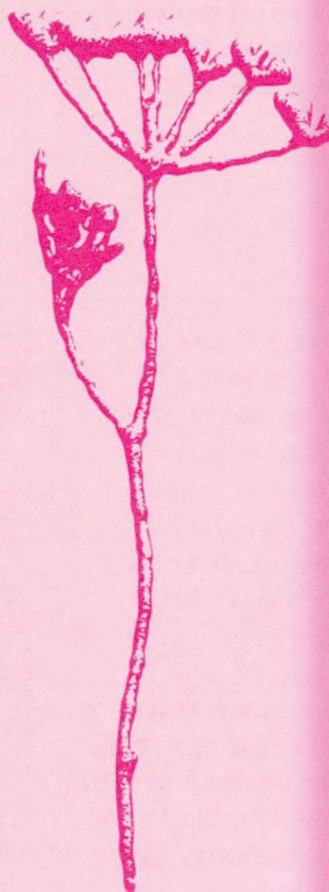
Lisbon's Participatory Budget approved, in 2017, the creation of the Memorial in Tribute to Enslaved People, a proposal that emerged directly from the mobilisation of DJASS, the Association of Afro-descendants. Almost a decade later, the memorial has still not been built. The obstacles are documented and public. The approved proposal proves that collective organisation can place on the public agenda issues the political system tends to ignore. The absence of the memorial proves what happens afterwards.

Historian and anthropologist André Castro Soares, in conversation with *Gerador*, names the tension without softening it: "No community faces heatwaves, infrastructure failures or political disinformation on its own. It is civil solidarity networks that operate on the front line. But those networks exist despite the system, not because of it. And the system knows that."

Civic sacrifice

The erosion of the collective is visible to the naked eye: in the silent corridors of European buildings, in the student debt that blocks the future of American youth, in the flats where pensioners have forgotten the sound of their own voice. The global economic system tries to convince us every day that true success is a solitary race towards a podium with room for only one person. That concern for another person's wellbeing is a futile pastime for the naive.

"The collective is not a luxury at all. It is a sacrifice, first of all, because every hour people give to the collective is an hour taken from their family and personal life for the benefit of the society in which they act. Genuine community engagement requires the voluntary and continuous dedication of those



acredita que o bem comum vale esse custo pessoal.” ressalta Pedro Schacht Pereira.

Pereira adverte que o discurso de que o ativismo político e o cuidado comunitário são regalias de pessoas desocupadas é uma armadilha retórica usada para desmobilizar a sociedade civil e governar sobre uma massa sem laços.

O que o Sul Global prova, com séculos de evidência, é que o coletivo não exige tempo de sobra, exige decisão. As mulheres negras que fundaram a Irmandade da Boa Morte no século XIX não tinham agenda disponível, mas tinham urgência. As mães que hoje fazem rodízio de cuidado nas periferias de Lisboa e do Recife não têm folga para ativismo clássico. Têm clareza de que sozinhas não conseguem o que juntas se torna possível.

O médico especialista em Medicina Geral e Familiar Vasco Freire lembra que todo avanço duradouro em direitos civis, reprodutivos e laborais assentou numa teia de associações que se sentaram à mesma mesa. O sucesso da despenalização do aborto em Portugal resultou do esforço que fez dezenas de pequenas associações convergirem numa pauta comum. “O coletivo é uma necessidade ainda maior nos nossos dias e será a melhor forma de solidariedade entre pessoas e povos e de resistência contra o individualismo da extrema direita. Juntos seremos sempre mais fortes e mais felizes.”

A narrativa de que a participação política é regalia de desocupados é instrumentalizada por forças antidemocráticas para manter a massa isolada e vulnerável. O isolamento não é o estado natural da vida em sociedade. É uma condição produzida, mantida e rentabilizada. Reconhecê-la como tal é o começo de qualquer coisa diferente.

O que muda quando se nomeia o isolamento como projeto e não como destino? Muda a pergunta. Em vez de “como me adapto a viver sozinho num mundo que me isola?”, a pergunta passa a ser “quem tem interesse em que eu permaneça isolado?”. A segunda pergunta é política. E política, como demonstram os corredores silenciosos dos prédios de Lisboa e as assembleias vibrantes das comunidades da Cova da Moura, é sempre uma questão de quem está na sala com quem.

who believe that the common good is worth that personal cost," Pedro Schacht Pereira stresses.

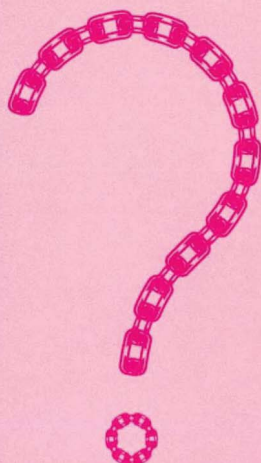
Pereira warns that the discourse portraying political activism and community care as privileges reserved for idle people is a rhetorical trap used to demobilise civil society and govern over a mass without bonds.

What the Global South proves, through centuries of evidence, is that the collective does not require spare time, but decision. The Black women who founded the Irmandade da Boa Morte in the nineteenth century did not have free schedules, but they did have urgency. The mothers who today organise care rotations in the outskirts of Lisbon and Recife do not have time for classical activism. What they do have is the clarity that alone they cannot achieve what together becomes possible.

Doctor Vasco Freire, a specialist in General and Family Medicine, reminds us that every lasting advance in civil, reproductive and labour rights rested on a web of associations that sat at the same table. The success of the decriminalisation of abortion in Portugal resulted from the effort that brought dozens of small associations together around a common agenda. "The collective is an even greater necessity in our times and will be the best form of solidarity between people and peoples, and of resistance against the individualism of the far right. Together we will always be stronger and happier."

The narrative that political participation is a privilege for the idle is instrumentalised by anti-democratic forces to keep the masses isolated and vulnerable. Isolation is not the natural state of life in society. It is a condition that is produced, maintained and monetised. Recognising it as such is the beginning of anything different.

What changes when isolation is named as a project rather than a destiny? The question changes. Instead of "how do I adapt to living alone in a world that isolates me?", the question becomes "who has an interest in keeping me isolated?". The second question is political. And politics, as the silent corridors of Lisbon's buildings and the vibrant assemblies of the communities of Cova da Moura show, is always a matter of who is in the room with whom.



ID: 123445582

01-05-2026

